

Lorraine Heath

Vencedora do prémio RITA
para Melhor Romance



UMA *Paixão* DE VERMELHO

Pode o amor ser mais forte do que a mentira?

TOP
SEL
LER

*Para Cayce.
Todos os autores deviam ter a sorte de ter fãs
tão maravilhosos como tu.*

PRÓLOGO



Extrato do diário do Duque de Avendale

*Um segredo sombrio tornou-me no homem que sou...
Com isto, fica tudo dito.*

CAPÍTULO 1



Londres

1874

Podia facilmente prosperar aqui. Rose nada fez para revelar o deleite que sentia com esta constatação, embora duvidasse que alguém percebesse o verdadeiro significado por trás do seu sorriso radiante ou dos seus olhos brilhantes de satisfação. Todas as senhoras presentes estavam empolgadas com aquela magnífica ostentação de opulência e com os indícios de pecado, cupidez e prazeres masculinos. O belo sexo tinha sido finalmente admitido num dos santuários masculinos mais famosos e badalados, e desfrutava agora da descoberta de tudo o que tinha sido mantido em segredo e lhes tinha sido negado.

O objetivo expresso do evento daquela noite — um grandioso baile, com entrada só por convite — era a de providenciar entretenimento aos membros atuais, e apresentar aos potenciais futuros membros todos os benefícios que o clube, anteriormente só de cavalheiros, oferecia. Desde a sua chegada a Londres, há duas semanas, que Rose descobrira que o Twin Dragons era a única coisa de que se falava na cidade.

O que não era de estranhar, pensara ela, quando vislumbrara o proprietário, meia hora antes, quando este saíra de uma porta que aparentemente dava para as salas reservadas. Com passada decidida, tinha captado a sua atenção, pois reconhecera nele um espírito semelhante. Cerca de dez minutos depois, ele tomou uma mulher nos braços e beijou-a apaixonadamente e de forma perfeitamente inapropriada — mesmo no meio de uma das pistas de dança. A avaliar pelo

fervor dele e pelo entusiasmo da senhora, Rose eliminou-o como alguém potencialmente adequado para a ajudar nos seus intentos. Estava obviamente comprometido, e ela sabia que seria muito menos complicado lidar com homens descomprometidos.

Ignorando os homens que a analisavam, familiarizou-se com o ambiente que havia de ser a sua segunda casa nas semanas seguintes. Uma parte da sala tinha mesas que serviam para diversos jogos de fortuna e azar. Suspeitava que, no dia seguinte, o resto da sala também serviria para o mesmo fim, mas esta noite a área sem jogos servia de zona convival ou de dança. A luz provinha de grandes candelabros de cristal a gás. O papel de parede era de tom neutro, nem particularmente masculino nem feminino.

Rose gostaria de ter tido a oportunidade de conhecer o clube antes da renovação que procurara equilibrar o que permaneceria interessante para os homens com o que não ofenderia as mulheres. Sem dúvida que deveria ter sido um pouco mais decadente e muito mais interessante. Mas ela não estava ali pelos aspetos decorativos. Era mais a essência da casa — da qual a sua própria existência dependia — que lhe interessava.

Vagueando por entre a multidão, deixando um sorriso aqui, outro ali, ela sabia que aqueles a quem tinha feito um gesto de reconhecimento ficariam confusos, esforçando-se por se lembrarem de onde a conheciam. Alguns haveriam até de jurar no dia seguinte que a tinham reconhecido, que eram velhos conhecidos. Nenhum admitiria que nunca a tinha visto na vida. Ela tornara-se mestre na arte de parecer que pertencia aos sítios; na verdade, tornara-se mestre em muitas coisas.

Ao entrar no salão das senhoras, que, a partir daquela noite, seria interdito a homens, Rose sabia que não seria seu hábito frequentar aquela sala, mas que o espaço poderia ocasionalmente proporcionar-lhe a oportunidade de travar os conhecimentos *certos*.

— Olá.

Virando-se, Rose deparou-se com uma mulher baixa, de cabelo castanho avermelhado e olhos escuros como a alma de Satã — e muito desconfiados. Talvez outra semelhante.

— Boa noite — disse Rose com autoridade, como se a sala estivesse às suas ordens. O controlo, imperioso para ganhar o jogo, tinha de ser mantido sempre, a qualquer custo.

— Acho que não fomos devidamente apresentadas. Sou a Sra. Rosalind Sharpe.

— Miss Minerva Dodger.

Engolindo a surpresa, Rose limitou-se a arquear a sobrancelha.

— É um espécime raro, minha querida. Uma mulher abastada solteira.

— Porque tira tais conclusões?

— Tanto quanto sei, apenas a nobreza e os abastados foram convidados para este evento exclusivo. Como não parece ser da nobreza, fica a riqueza.

A mulher sorriu ligeiramente.

— Com efeito, os convites foram bastante limitados, mas é o meu pai que é abastado. Já para não mencionar o facto de ter sido ele o anterior dono do estabelecimento, quando se chamava Dodger's Drawing Room.

Ah, sim, Rose deveria ter reconhecido o nome. Haveria de se censurar mais tarde por não o ter feito. Um deslize que poderia vir a custar-lhe caro e interferir com os seus planos.

— Algo me diz que deve ser uma pessoa assaz interessante. Espero conhecê-lo.

Miss Dodger olhou em volta despreocupadamente, embora evidenciasse uma vivacidade da qual Rose não gostava muito.

— O seu marido está por cá? — perguntou a mulher mais nova.

— Sou viúva.

Miss Dodger virou subitamente o olhar outra vez, com pesar evidente nos profundos olhos escuros quando os pousou em Rose.

— Lamento muito.

— Um ataque de um tigre quando visitávamos as selvas da Índia. Mas morreu como viveu, de forma aventureira. Isso dá-me algum conforto. Ele detestaria morrer de velhice, enfermo, na cama.

— Acho que há vantagens em fazer o que se gosta em vez daquilo a que se é forçado. É nova em Londres, então? Não quero intrrometer-me, mas não conheço a sua família.

— Não precisa de se desculpar, minha querida. Ainda só cá estou há duas semanas. É a minha primeira incursão na cidade.

— Que invulgar.

— Antes de viver na Índia, vivia no norte, numa pequena cidade de que não vale a pena dizer o nome já que poucos ouviram falar dela.

Nenhum sítio onde vivera merecia, na verdade, ser mencionado, especialmente por ser arriscado dar informações a alguém que se pudesse dar ao trabalho de lhe reconstituir o percurso.

— Acho que o meu advogado foi crucial para me conseguir um convite para o evento desta noite.

Na realidade, tinha a certeza. Daniel Beckwith tinha feito tudo para corresponder aos seus desejos desde que ela entrara no escritório dele. As viúvas prestes a herdar todos os bens dos maridos eram raras e muito apreciadas. Com base no que ela lhe dissera sobre o património em causa, ele sabia que podia ganhar uma boa maquia ao ajudá-la. Por isso, queria mantê-la contente.

— Estou eternamente endividada para com ele.

— Quer que lhe mostre a casa?

— Não poderia aproveitar-me de si a esse ponto. Além disso, tenho um espírito aventureiro e prefiro explorar por mim própria.

— Nesse caso, vou deixá-la entregue a si própria. Espero que se divirta esta noite.

— Oh, vou com certeza esforçar-me por isso.

Miss Dodger despediu-se e Rose fez nota mental de perguntar a Beckwith sobre o pai da rapariga. Era bem possível que quisesse fazer amizade com Miss Dodger, mesmo não sendo ela da nobreza. Ao contrário da maior parte das pessoas, Rose estava mais interessada no dinheiro do que no estatuto social. Como o novo dono tinha aberto o estabelecimento a quem não era da nobreza, parecia que também ele valorizava mais o dinheiro do que o berço. Um princípio sensato, já que não se podia escolher a família.

Ela bem sabia disso.

Rose entrou numa sala de jantar. A quantidade de comida que enfeitava os aparadores era de tal ordem que estes ameaçavam vergar. Havia pessoas sentadas em mesas redondas cobertas com toalhas brancas, desfrutando do banquete. As luzes estavam mais baixas. Havia velas a cintilar no centro das mesas. A sala serviria como local de encontros românticos. Haveria de jantar ali quando a altura chegasse, e faria mais um bom número de coisas ali.

Tinham-na deixado entrar. A sua habilidade e astúcia garantiriam que faria bom proveito da falta de bom senso deles.

A mulher de vermelho chamou-lhe a atenção assim que passou pelas portas da entrada, como se fosse a própria rainha de Inglaterra. Que a tivesse notado foi uma surpresa para ele, já que nada nela era particularmente invulgar.

Olhando em volta do seu poleiro no canto sombrio do balcão do Dodger's, Avendale resmungou. O Twin Dragons. Porque diabo tinha Drake mudado o nome que tivera durante décadas? Não só o nome, mas quase tudo o resto? Avendale não gostava. Não gostava nem um pouco. E não gostava em particular que as mulheres pudessem ali entrar e fossem membros do clube, andando por ali a passear-se, como a dama de vermelho fazia naquele momento.

O cabelo, apanhado em cima e preso com travessas douradas, era seda loira. Não era vibrante, nem fegoso, nem diferente. Isso devia garantir que ela se misturava. Mas não era o que acontecia.

Era o seu porte. A elegante inclinação do pescoço, a maneira como colocava os ombros elegantes, como se nunca tivessem conhecido um fardo. A maneira como o vestido lhe acariciava as curvas dava aos homens o desejo de lhes fazer o mesmo. Tinha o peito generoso, exposto na perfeição, obrigando os olhares a desviarem-se do seu rosto para os suaves seios. Ele suspeitava que vários dos cavalheiros ali presentes naquela noite iriam lembrar-se da dama de vermelho ao pequeno-almoço. Duvidava que um único conseguisse descrever-lhe com rigor as feições do rosto, mas seriam capazes de habilmente lhe moldar as formas no ar à frente deles.

Ele conhecia a maioria das mulheres da aristocracia. Não a conhecia a ela, o que queria dizer que, com toda a certeza, era uma das plebeias ricas que Drake queria atrair para o seu clube. Ou uma americana. Pelo que tinha conseguido apurar, eram todos tão ricos como Creso. Não havia dúvidas de que ela tinha a aparência de alguém a quem os aspetos mais refinados da vida não eram estranhos.

No salão principal, só tinha falado com uma pessoa — um criado. Pouco depois, desapareceu nos aposentos privados das senhoras durante algum tempo. Ele quase foi atrás dela, mas não estava a gostar da curiosidade incómoda que sentia acerca daquela mulher. Não havia dúvida de que era apenas o resultado do seu maldito tédio de ultimamente. O seu parceiro de perversidade, o Duque de Lovingdon, casara recentemente com Lady Grace Mabry, deixando Avendale entregue aos excessos sozinho. Não que precisasse de um

companheiro masculino, quando tinha abundância de companhia feminina.

Mas, às vezes, era bom ter alguém com quem ter uma conversa minimamente inteligente. Alguém com intelecto. Alguém que lhe apreciasse as piadas indecentes. As mulheres que costumava ter por companhia tendiam a choramingar, suspirar e sussurrar-lhe coisas malandras ao ouvido. Também gostava. Mas eram todas muito parecidas. Raramente variavam. Bom, o cabelo, os olhos, as formas, eram diferentes, mas, na sua essência, eram todas iguais. Excitantes quando estavam na sua cama, mas terrivelmente aborrecidas quando estavam fora dela.

No entanto, a dama de vermelho não parecia nada aborrecida.

Ele sabia que se estava a jogar um jogo de cartas muito privado — sem mulheres —, ao fundo do salão. Era lá que devia estar. Era para lá que se dirigia quando decidiu espreitar para a multidão lá em baixo. E a viu.

Ela tinha-o fascinado desde sempre. Mesmo quando não estava à vista, pensava nela. Geralmente, para ele, as mulheres eram longe da vista, longe do coração.

Não era muito cavalheiresco da sua parte, é verdade, mas tinha tendência para passar o tempo com mulheres fáceis que esperavam — e provavelmente preferiam — não ser lembradas. Evitava as que enchiam o salão principal, exceto em ocasiões como casamentos ou o evento desta noite, que envolviam amigos da família. Costumava marcar presença só por causa das aparências, quando estava na disposição de não ser desmancha-prazeres. A mãe gostava. Dava-lhes uns momentos para porem a conversa em dia.

Ele tinha-a visto momentos antes, a vaguear lá em baixo com o segundo marido, William Graves. O pai de Avendale tinha sido o primeiro. Um caso lamentável.

Afastou as memórias, empurrando-as lá para trás. Não eram do tipo que gostasse de analisar. Já a dama de vermelho...

Gostaria muito de examinar cada centímetro dela.

Ela sabia que estava a ser observada. Estava ciente do olhar focado nela e sentia pequenos arrepios a percorrerem-lhe a pele. Os pelos finos na parte de trás do pescoço estavam de pé. A sua aparência não dava a entender que estivesse maçada com o escrutínio,

apesar de, lá por dentro, o coração lhe bater com a ferocidade de um tambor militar a chamar para o combate.

Ela ouvira sem querer alguém dizer que andava por ali um inspetor da Scotland Yard. Mas era um convidado, não andava à procura dela. Ainda não estava em Londres há tempo suficiente para os alarmes soarem, para alguém suspeitar...

— Champanhe? — perguntou uma voz grave atrás dela.

Adoraria, mas tinha de se manter atenta e concentrada. Virando-se para recusar a oferta do criado, travou.

O homem que lhe estendia uma taça não era, com certeza, um criado. Nobreza, títulos, privilégios, saíam-lhe de todos os poros, de cada costura primorosamente cosida, de cada fio de tecido requintado que lhe cobria a estrutura magnífica. Os seus olhos escuros escrutinavam-na abertamente, e os pelos da nuca arrepiaram-se-lhe novamente. Então era ele que tinha estado a observá-la. Tinha uma intensidade que era ligeiramente inquietante, que a fazia temer que ele a visse à transparência.

Mas, se o conseguisse fazer, estaria a chamar o tal inspetor que andava por ali, não estaria a oferecer-lhe champanhe. E o seu olhar não a percorreria como se estivesse a tirar-lhe as medidas a cada curva, recanto e proeminência, enquanto imaginava a sensação de cada um a encher-lhe as mãos.

Se tivesse de adivinhar a posição do homem, colocá-lo-ia na categoria de duque. Transpirava poder e influência. Não se importava de ficar com um duque.

Ela fez-lhe o seu sorriso mais cativante e sensual.

— Estou realmente com sede, pelo que aprecio muito que alguém possa satisfazer-me os desejos. Obrigada.

Estendendo a mão enluvada para o pé da taça, assegurou-se de que os seus dedos tocavam nos dele, e demorou um instante. Os olhos dele arregalaram-se ligeiramente, e um canto da sua boca lasciva virou-se para cima quase impercetivelmente. Outra pessoa qualquer podia não o ter notado, mas ela tinha-se treinado a discernir o mais pequeno pormenor. As pessoas comunicavam muito mais verdadeiramente com o corpo e as expressões faciais do que com as palavras.

Ela tocou com a borda do seu copo no dele.

— A uma noite interessante.

Espreitando por cima do rebordo do copo ao beber lentamente, observou-o enquanto ele fazia o mesmo, inspecionando-a. Nunca tinha ficado tão intrigada com um cavalheiro. A maior parte bajulava-a depois de terem avançado e de terem conseguido a sua atenção. Este era mais cauteloso, mais calculista. Este ia ser um desafio, mas, se tivesse razão acerca da sua posição, estava mais do que disposta a aceitá-lo. Lambeu os lábios, com a satisfação a percorrê-la, ao mesmo tempo que os olhos castanhos dele escureciam. Ele não era tão habilidoso a disfarçar como ela.

— Não é um pouco escandaloso que um cavalheiro aborde uma mulher que não conhece sem alguém ao seu lado para fazer as apresentações? — perguntou ela.

— Sou, acima de tudo, escandaloso.

— Deverei ter cuidado? A minha reputação está em risco?

— Depende da sua reputação. Tendo em conta que chegou sem companhia, feminina ou masculina, presumo que a sua reputação seja de pouca monta para si.

Então, ele tinha-a visto chegar e tinha estado a observá-la há um bom bocado. Há quase três quartos de hora. Era um bom presságio que tivesse conseguido reter-lhe a atenção durante tanto tempo.

— Sou viúva. Não preciso de acompanhante.

— As minhas condolências pela sua perda, embora não pareça estar de luto.

Ela não deixou de notar a maneira como o olhar dele baixou para as proeminências cheias do seu peito. Atraíam os homens muito mais do que o seu rosto, no qual a beleza não tinha grande presença. Mas tal acabava por ser uma vantagem, já que um olhar baixo raramente notava a astúcia nos olhos dela.

— Já lá vão dois anos. Estávamos a explorar a selva na Índia quando ele foi atacado por um tigre. Foi terrível.

Estremeceu visivelmente, assegurando-se de que ele se distraía com a carne trémula dos seus seios. Os homens eram tão fáceis de manipular. Devia ter vergonha, mas há muito que tinha aprendido que não devemos arrepende-nos do que somos forçados a fazer para sobreviver.

— Não gostaria de me alongar neste assunto.

Bebeu mais um pouco do excelente champanhe, permitindo à sua mão tremer ligeiramente.

— Acho que preciso de uma distração. A sua companhia foi muito agradável, mas eu gostaria de ver o salão dos cavalheiros. Pelo que entendi, depois desta noite, as senhoras deixarão de ser bem-vindas dentro das suas paredes. Quero ver o que nos negam.

— Eu acompanho-a.

— De certeza que tem uma esposa algures que não ficaria contente com as suas atenções para comigo.

— Não, não tenho esposa. Não estou comprometido, nem tenho amante. Não tenho qualquer interesse em ligações de natureza permanente.

— Nisso não posso censurá-lo. Tendo tido uma, neste momento sinto-me da mesma maneira.

Ele ofereceu-lhe o braço.

— Nesse caso, vamos?

Ela colocou a mão na dobra do cotovelo dele e encontrou músculo firme. Um homem que claramente não ficava a arrastar-se por aí. A cabeça dela mal lhe chegava ao ombro. Era um homem alto e bem constituído. Mas não eram apenas os seus traços físicos que o faziam parecer poderoso. Ela suspeitava que, mesmo que ele lhe desse pelo joelho, ainda assim dominaria o ambiente à sua volta. Parecia tornar pequeno tudo à sua volta. Não sabia se alguma vez conhecera um homem que manifestasse tal supremacia.

Enquanto caminhavam a passos largos — este homem não podia senão caminhar com confiança — pela sala, ele saudava algumas pessoas com um ligeiro inclinar da cabeça, sendo por sua vez cumprimentado com deferência.

— Vossa Senhoria.

— Avendale.

— Duque.

Acertara no título. Questionou-se quantos mais títulos menores ele possuiria e quantas propriedades. Quanto valeria? A avaliar pela excelência do corte do seu fraque preto, calças e colete, juntamente com o alfinete de joia que tinha no lenço do pescoço, devia valer uma soma principesca.

Chegaram a uma sala que era muito mais escura do que qualquer das outras que vira. As paredes estavam forradas de papel de cor púrpura e verde-escuro. O mobiliário era a condizer. Uma enorme lareira dominava uma das várias áreas de estar. Armários de vidro

continham uma variedade de garrafas de álcool. Criados de libré serviam um líquido âmbar.

Ela acabou o seu champanhe e colocou a taça no tabuleiro de um criado que passava. O homem ao lado dela — Avendale — fez o mesmo. Ela não gostou de notar que ele parecia sentir-se mais à vontade ali do que em qualquer outro lugar. Que ele era feito de — e para — a devassidão. Sentia-se confortável com o que estava à sua volta, e brilharia tanto ali como num quarto. Tinha a certeza disso. Mesmo na escuridão, ele sobressaía, avançando na direção dela, conquistando todos os aspetos da noite, conquistando-a a ela. Ela não emitiria sequer um gemido de protesto.

— Porventura deseja algo mais forte? — perguntou ele.

Sorria de maneira perversa e, por instantes, temeu que ele lhe lesse todos os pensamentos. Um arrepio percorreu-a antes de compreender o que ele queria dizer. Tinha conseguido distraí-la. Normalmente, ela mantinha a cabeça no lugar com os homens, mesmo com os bonitos. Ou talvez estivesse a dar-lhe demasiado crédito; talvez tivesse simplesmente bebido o champanhe demasiado depressa, fazendo com que a sua mente se ofuscasse por momentos.

— É permitido? — perguntou ela, inocentemente.

— É. Esse é o propósito de Darling, disponibilizar toda a espécie de vícios e decadência às senhoras. Mas não seria muito mais agradável se não fosse permitido?

Ele fixou-lhe o olhar e ela deixou de ter a certeza de que estavam a falar de bebida. As coisas proibidas geralmente eram as mais agradáveis. Como sabia ele que era isso que ela preferia? Aquilo com que melhor se dava? O proibido era sempre mais apelativo. Suspeitava que muitas das senhoras em breve estariam a interrogar-se acerca da razão de todo aquele alarido, agora que podiam entrar por aquelas portas sempre que o desejassem.

— Terei ouvido o meu nome invocado em vão? — perguntou uma voz grave.

Virando-se para o lado, ficou cara-a-cara com o homem há pouco tinha visto a beijar a mulher na pista de dança. Essa mulher irradiava agora felicidade e estava inapropriadamente aninhada de lado, contra ele. Mas, pensou então Rose, num lugar destes nada era completamente inapropriado. A ideia era precisamente essa.

— Tenho invocado o teu nome em vão desde que te ocorreu a ideia abominável de permitir que as senhoras entrem no nosso santuário — disse Avendale, claramente descontente.

— No entanto, cá estás tu na companhia de uma dessas senhoras — disse Drake Darling. — Vais apresentar-nos?

— Lamento, mas ainda não fomos apresentados.

O olhar de Avendale percorreu-a toda.

— Os nomes não são importantes para mim.

Então, ele tinha apenas um interesse temporário nela. Talvez só por esta noite. Um encontro, algo perverso. Estava suficientemente insultada para se ofender, mas não tanto que não se sentisse também lisonjeada. Contudo, ambas as emoções estavam bem treinadas para não virem à superfície. Seria muito mais gratificante fazê-lo pagar mais tarde pela sua arrogância. E como pagaria... Mas podia esperar, já que ir com calma tornaria tudo muito mais saboroso.

— As minhas desculpas, Sr. Darling — disse ela, suavemente. — Sou a Sra. Rosalind Sharpe.

Uma sobrancelha escura arqueou-se por cima de uns olhos escuros.

— Sabe quem eu sou?

— O senhor enviou-me um convite. Fiz umas perguntas quando aqui cheguei e alguém mo indicou. Tinha intenção de travar conhecimento consigo imediatamente, mas o senhor parecia estar bastante ocupado.

Sorrindo, fazendo tudo o que podia para corar, olhou para a mulher.

— Sim, estava bastante ocupado — admitiu ele.

— Dás-te conta de que vais ter de casar com Lady Ophelia agora — disse Avendale —, depois do espetáculo que deste há pouco.

Rose esforçou-se por não mostrar a sua surpresa por um plebeu ter apanhado uma senhora da nobreza.

— Fá-lo-ei com todo o prazer. Mas estou a ser indelicado. Lady Ophelia Lyttleton, permita-me que lhe apresente a Sra. Rosalind Sharpe.

— Um prazer — disse Lady Ophelia.

— O prazer é todo meu, minha senhora. Espero que tenhamos oportunidade de nos conhecermos melhor — disse Rose. — Estou fascinada com este lugar. Vejo-me a passar bastante tempo aqui.

— Tenho a certeza de que virei cá de vez em quando, mas no futuro imediato vou estar extremamente ocupada com os preparativos do nosso casamento.

Levantou os olhos para Drake Darling com adoração, e Rose reprimiu a pontada de inveja que sentiu. O amor não era para ela, e ela sabia-o bem.

— Se nos dão licença — disse o Sr. Darling, — temos de acabar de dar a volta.

De braço dado, afastaram-se.

— E assim cai mais um — disse Avendale, sombriamente.

Rose levantou os olhos para ele.

— Vocês parecem ser amigos, o que me surpreende. Ele é plebeu, e pela maneira como as pessoas o cumprimentaram, você é um duque.

Ele encolheu os ombros laconicamente.

— As nossas famílias partilham um passado e uma amizade sólida.

— Isso torna tudo ainda mais estranho.

— Nós somos uma mistura de plebeu e nobreza, demasiado complicado para explicar em poucas palavras. Não me apetece falar, mas antes beber.

Pegou em dois copos com um líquido âmbar, de um criado que passava, e ofereceu-lhe um.

— Algo mais forte do que champanhe.

— Obrigada.

Deu um pequeno gole.

— Excelente brandy.

— Uma mulher que gosta de coisas requintadas.

— Oh, sou eu, sem dúvida.

Depois, olhou em volta.

— Então, dentro desta sala, os homens bebem, fumam, leem e conversam. Onde jogam às cartas, quando não querem permanecer civilizados?

Ele fez um gesto com a cabeça em direção ao fundo da sala.

— Uma porta que ali está leva-os para outra sala onde jogam à vontade, sem as senhoras verem como jogam pessimamente e o quanto perdem sem sequer pestanejar.

— Você não me parece uma pessoa que perca.

— Não tem de me lisonjear, Sra. Sharpe. Já tem a minha atenção.

— Mas durante quanto tempo, sem lisonja?

Ele riu-se baixinho.

— Até eu ficar aborrecido. E a lisonja aborrece-me.

— Bem, então, sem mais delongas, gostaria de acabar a minha volta a este lugar. Pode acompanhar-me ou não. É-me indiferente.

Ela conseguia ser tão controlada e distante como ele exigia. Mas gostava que ele não andasse à procura de adulação, embora a deixasse um pouco desconcertada, pois nunca lidara com um homem que não reagisse à bajulação.

Ele mostrou-lhe a sala de jogo exclusiva dos homens. Era muito parecida com o salão: escura e esmagadora. Masculina. Transmítia poder e riqueza. Como gostava de ser uma mosca na parede, lá dentro.

Com poucas palavras, ele acompanhou-a de volta ao salão principal. Todavia, era um homem que comunicava. Com toques no cotovelo dela, abaixo da cintura, no ombro. Carícias leves e rápidas, mas ainda assim havia um indício de posse nelas. Ele não era completamente imune aos encantos dela. Estava apenas a esforçar-se por não ser sugado por eles.

— Dance comigo — disse ele.

As palavras dele surpreenderam-na. Censurou-se mentalmente por perder a compostura por instantes, por se deixar apanhar desprevenida.

— Não sei porquê, mas pensei que não fosse pessoa de dançar.

— Normalmente, não sou, mas a minha mãe gastou uma fortuna em aulas. Tenho de as tornar úteis de vez em quando. Prefere dançar aqui ou no salão de baile?

— Há um salão à parte para dançar? Esse escapou-me.

— Algo me diz que não lhe escapa muita coisa.

Nem a ele. Pensou em desculpar-se e sair agora antes que as coisas fossem demasiado longe, antes de ser ela a ser sugada e a deixar de pensar com discernimento, mas já havia muito tempo desde que alguém a intrigara. Ele era misterioso. Pelo facto de poucas pessoas pararem a falar com ele, desconfiou que devia ser conhecido por não se interessar pelos assuntos de ninguém, nem por partilhar os seus. Podia aproveitar-se da tendência dele para a privacidade.

— Gostaria de ver o salão de baile — disse ela.

— Se tiver de andar isso tudo por uma dança, terei de ter duas.

— Seria um pouco escandaloso, não acha?

— Você já passou a fase da inocência. Desconfio que o escândalo diz bem consigo.

— Com toda a honestidade, tento evitá-lo, mas há séculos que não danço, desde a morte do meu marido — sentiu-se obrigada a dizer.

Pondo-lhe a mão no braço, fez-lhe um sorriso destinado a encantar, a fazê-lo sentir-se como se fosse o único homem na sala digno da sua atenção.

— Leve-me.

Enquanto ele a acompanhava pelas salas e corredores, ela sentiu os olhares especulativos, as sobranceiras levantadas. Convinha-lhe chamar a atenção, mas não demasiada. Era sempre melhor para uma mulher manter um certo ar de mistério à sua volta.

O salão de baile era magnífico. Candelabros cintilantes. Paredes com espelhos. Um balcão com uma orquestra de, pelo menos, doze músicos. Os lírios enriqueciam o ar com a sua doce fragrância. Sim, Drake Darling estava, sem dúvida, a providenciar um lugar para os ricos sem títulos nobiliárquicos socializarem com a nobreza. Um homem inteligente. Concentrara tudo aquilo que ela procurava num único sítio conveniente. Teria de enviar-lhe uma nota de apreço quando a altura chegasse.

— Parece impressionada — disse Avendale.

— Aprecio a elegância.

E era importante que se lembrasse de todos os pormenores. Seria sem dúvida interrogada sobre eles quando regressasse a casa.

— Vou ter de fazer uma coisa parecida com o meu salão de baile. Está a precisar de um pouco mais de estilo.

— Tem um salão de baile? — perguntou ele, e ela percebeu a surpresa na sua voz.

— O meu marido, que Deus o tenha em descanso, deixou-me bastante bem na vida. Pensei que o senhor seria suficientemente inteligente para perceber que sou uma mulher de meios e independente. De que outra maneira teria conseguido um convite?

— Tem razão. Não estava a pensar. Esqueci-me de que Darling tem certas exigências relativamente aos seus membros. Pelo menos, deve afastar as massas.

Fez um gesto para o centro do salão.

— Vamos?

— Com certeza. Gostaria muito.

Com uma suavidade que lhe pôs o coração a tropeçar em si mesmo, ele fê-la deslizar para a multidão de bailarinos. Ela deu conta um pouco tarde demais de que dançar a valsa com ele era um erro. Ele segurava-a junto de si firmemente, possessivamente. Sim, agora via o perigo. Era um homem que estava acostumado a possuir o que desejava.

Os seus olhos escuros nunca deixaram os dela. Ela estava perfeitamente consciente de que ele a avaliava abertamente. Cada madeixa de cabelo, cada pestana, cada vez que corava. O que era justo, porque ela também estava a avaliá-lo. Nem uma madeixa do cabelo escuro dele estava fora do lugar. Às vezes, quando a luz incidia num determinado ângulo, parecia-lhe detetar tons avermelhados, mas o escuro era predominante. Desconfiava que fosse predominante em todos os aspetos da vida dele.

Nada nele parecia ligeiro ou descuidado. Tudo era intenso. Enquanto os outros conversavam e sorriam para os parceiros, ele limitava-se a estudar cada linha e curva sua. Ela percebia que ele preferia as curvas. Estava habituada a isso quando se tratava de homens. O peito era o seu grande trunfo e esforçava-se por ostentá-lo da melhor forma. Há muito que tinha abandonado a capa da timidez.

A cara dele era marcada por linhas duras e ângulos retos. Não se poderia considerar bonito, mas, no entanto, havia beleza na aspereza das suas feições. Bem-parecido, viril. Atraente. Atraía-a de maneiras que nenhum outro homem tinha conseguido antes.

Isso tornava-o muito perigoso. Erguera um muro entre ela e os homens. Eles deviam ser usados e depois descartados. Mas parecia-lhe que este homem não seria facilmente posto de parte. Tinha de furtar-se à sua companhia o mais depressa possível, enquanto podia. Estava demasiado atraída por ele. Isso não seria apropriado aos seus propósitos, de maneira nenhuma. Ele não se adequava.

Os acordes finais da valsa desvaneceram-se, dando lugar ao silêncio.

— Gostei muito — disse ela. — Obrigada. Agora vou deixá-lo gozar o resto da noite.

Os olhos dele estreitaram-se.

— Pensei que tínhamos concordado em dançar duas vezes.

— Não quero tomar-lhe demasiado tempo.

— Não há mais ninguém que eu prefira, que mo tome. Alguém está à espera da sua companhia?

Ela devia dizer que sim. Mas ele iria, sem dúvida, ficar de olho nela para ver quem lhe era interessante. Não queria que ele a observasse. Era melhor dedicar-lhe um pouco mais de tempo esta noite e depois seguir em frente.

— Não.

— Nesse caso parece-me que podemos dançar outra vez.

A música começou. Outra valsa. Será que a orquestra só sabia tocar valsas? Teria a pele dela de aceitar a pressão das mãos dele? Teria ela de sentir o toque dele a cair em cascata por todo o seu ser? Era, ao mesmo tempo, desconcertante e estimulante ter estas reações à proximidade dele. O que tinha ele que a afetava desta maneira? Era mais do que as suas feições bem-parecidas, era algo profundo dentro dele que apelava a algo dentro dela, algo que tinha estado adormecido e que agora acordava. Tinha de fugir daqueles pensamentos inquietantes.

— Onde é a sua propriedade? — perguntou ela.

— Cornualha.

Pois, fazia sentido ele vir daquela costa recortada. Talvez até descendesse de piratas. Conseguia imaginar roubos e pilhagem a fazerem parte da sua herança genética.

— O senhor não é pessoa de conversar muito, pois não? — perguntou ela.

— Com palavras, não. Prefiro outros meios de comunicação, especialmente quando se trata de uma senhora.

Ela estava a perder o pé com ele. Não sabia como recuperá-lo.

— Esse tipo de comunicação apenas lida com a superfície. Não há profundidade numa relação assim.

— Só me interessa um tipo de *profundidade*.

Os olhos dele ardiam com a insinuação e ela quase tropeçou.

Não tinha hipóteses com ele. Ele não seria facilmente manipulado. Mas qualquer coisa dentro dela desejava aceitar o desafio. As coisas tinham-se tornado demasiado fáceis ultimamente. Estava entediada. Não se tinha dado conta até àquele momento. Já não havia

vida nem entusiasmo dentro dela. Limitava-se a existir. Mas ele acendia uma chama nela. Interessava-lhe. Achava que ele podia ter segredos tão negros quanto os dela. Sacar-lhos seria um desafio e podia acabar por lhe ser vantajoso.

— Ofende-me com a sua insinuação — disse ela.

— Se isso fosse verdade, já me teria dado uma bofetada. Você é viúva, não uma menina inocente. As outras senhoras que aqui estão não me interessam minimamente, porque são ingênuas. Prefiro uma mulher que seja vivida.

— E acha que eu sou vivida?

— Intriga-me, Rosalind.

— Está a tomar liberdades com a sua informalidade.

— Penso que os seus protestos são falsos. Você quer que eu tome liberdades. É por essa razão que ainda não se foi embora zangada — disse, semicerrando os olhos. — Não, você não é pessoa de se zangar. Acho que me faria pagar de outras maneiras.

Ah, sim, tinha razão quanto a isso. Fá-lo-ia pagar certamente de outras maneiras. Talvez ainda o fizesse. Mas, por agora, estavam apenas a medir-se um ao outro.

— Acho-o igualmente intrigante, Vossa Senhoria, mas temo estar afastada da vida social há demasiado tempo. Infelizmente, as minhas capacidades de demonstrar recato estão enferrujadas.

— Não tem de fingir comigo. Prefiro a honestidade.

— Nesse caso fique sabendo que me sinto atraída por si, embora não tenha a certeza de que seja sensato para ambos.

— Mas podia ser agradável.

Ela não tinha dúvidas acerca disso. Era um homem a quem não faltava autoconfiança. Ele podia proporcionar-lhe um tempo muito aprazível, mas sabia muito pouco acerca dele. O seu objetivo ali, naquela noite, não era ficar-se por um, mas acumular muitos admiradores. Ele estava a distraí-la dos seus planos.

A valsa chegou ao fim, mas ele não a libertou imediatamente. Simplesmente ficou com ela presa, escandalosamente apertada, permitindo que os minutos passassem como se ninguém estivesse a ver, como se ninguém tivesse uma língua para dar nos dentes. Se ela fosse uma jovem de dezanove anos, com um pai ou irmão que falassem por ela, estaria comprometida antes da meia-noite.

— O que mais há para ver aqui? — perguntou ela.

— Acho que já viu tudo. Talvez já tenhamos esgotado as razões para ficar.

Como se sentia tentada a aceitar o convite, a ir com ele para onde ele quisesse. Mas tinha planeado isto durante demasiado tempo para agora ser irresponsável.

— Vi um balcão com cortinas no outro extremo do salão principal.

Desconfiava que tinha sido de lá que ele a tinha observado antes.

— Gostava muito de o ver. Como se vai para lá?

— Tem de se ter uma chave.

Ela espetou o queixo.

— Não tome isto como lisonja, Vossa Senhoria, mas sim como o reconhecimento da verdade. Parece-me que o senhor é homem para ter uma chave.

Ele tinha, de facto, uma chave. Era, sem dúvida, pouco sensato levá-la lá cima, uma vez que queria fazer coisas com ela que era melhor serem feitas na sombra, e havia muitas sombras no balcão, e as suas paixões estavam presas por um fio. Ela não era uma menina inocente, recentemente apresentada à rainha. Era viúva. Devia conhecer os homens, e sabia que ele estava com ela naquele momento por causa do seu desejo de a conhecer, no sentido bíblico. Sem culpa, podia ceder aos seus desejos.

Mas ela não era bem quem parecia. Disso estava bastante seguro. Tinha passado a vida a evitar enredos e relações. Nunca olhava para uma mulher a um nível que não fosse o superficial, mas algo nela o impelia a ir um pouco mais fundo.

Não era americana, como tinha inicialmente pensado. O seu discurso era refinado, era definitivamente inglesa, determinada, mas de vez em quando apanhava-lhe um toque de qualquer outra coisa, como se estivesse a fazer uma atuação e se esquecesse do seu papel na peça.

Esse pequeno aspeto dela intrigava-o ainda mais, mas não era causa para alarme. Não queria nada permanente com ela. Só queria explorar tudo o que estava debaixo do vestido vermelho. As mãos dele iam dar-lhe a volta à cintura. Os seios dela haviam de sobrar das suas palmas envolventes.

Conduziu-a pelo meio da multidão que estava cada vez maior. Quantos convites teriam sido entregues? Tinha dúvidas de que procurasse entretenimento ali depois daquela noite. O clube deixaria de ser exclusivo, como fora em tempos. Mas tinha há muito encontrado lugares mais sombrios onde soltar a sua vergonha e raiva.

Chegaram à porta que abria para os corredores onde os escritórios e salas isoladas permitiam um entretenimento mais privado. Tirando a chave do bolso do colete, estendeu-lha.

Ela deitou-lhe um olhar encantado e perverso, cheio de malícia e ousadia. Gostava de fazer coisas que não devia. E ele gostava disso nela. Antes de a noite acabar, previa que fariam muitas coisas que não deviam.

Inserindo a chave, rodou-a, virou o manípulo e abriu a porta. Hesitou apenas um instante antes de entrar e de lhe devolver a chave. Depois de fechar a porta, ele ofereceu-lhe novamente o braço.

— Tudo aqui parece mais velho — disse ela.

— O Darling não se deu ao trabalho de renovar esta parte, o que me deixa contente. Há algo de reconfortante no que é familiar. Há décadas que é assim.

— O senhor não parece ter idade suficiente para a conhecer há décadas — disse ela.

— Comecei bastante cedo.

Embora ela tivesse razão. Só a frequentava há pouco mais de uma década.

— Conheço a história. É lendária entre os meus conhecimentos. As escadas que dão para o balcão estão aqui.

Com a mão no fundo das costas dela, conduziu-a pelas escadas acima, percorrendo depois um corredor curto que terminava no balcão.

— Desde que se fique atrás das cortinas, não se é visto — disse ele em voz baixa. — As sombras servem de cobertura.

Ela inclinou-se ligeiramente para a frente e olhou para fora, para os convidados.

— Era aqui que estava quando me viu? — perguntou ela quase num sussurro.

Ele aproximou-se por trás dela, com apenas a largura de um cabelo a separar os seus corpos.

— Era.

— É estranho, mas senti o seu olhar sobre mim.

— Podia ser o de outra pessoa.

— Não, tenho a certeza de que era o seu. O senhor é muito intenso. Fica aqui muitas vezes a olhar para fora, espiando os que estão lá em baixo?

— O Darling é que o fazia. Gostava de ver o dinheiro a entrar. O Dodger, o anterior dono, também o fazia.

Tirou as luvas, meteu-as nos bolsos do casaco e passou um dedo no pela nuca dela. Ela estremeceu com o toque dele.

— Eu estava só a determinar se valia a pena perder tempo a descer lá abaixo esta noite.

— O que teria feito se não tivesse ido lá para baixo?

— Há uma sala de jogo privada aqui em cima. As apostas são altas, mas os que jogam fazem batota.

Encostou os lábios na junção do ombro dela com o pescoço.

— Deve ficar avisada de que eu emprego quaisquer meios para conseguir o que quero.

— Vossa Senhoria parece implacável.

— Isso é uma maneira suave de pôr a questão. Eu quero-a, a si, Rosalind. Quero-a desde que entrou por aquela porta. Há quartos aqui em cima. Podemos usá-los. Ou posso levá-la para a minha residência.

— Não sou assim tão fácil de conquistar.

— Não é?

Ela virou-se para ele.

— Não.

— Estou preparado para a convencer do contrário.

E tomou-lhe a boca como se já fosse dono dela.

Ela não devia ter ficado surpreendida por ele se aproveitar das sombras. Sabia que tinha estado a brincar com um homem que era muito mais atrevido do que a sua aparência civilizada deixava transparecer.

Mas ficou surpreendida com a sua reação à boca generosa dele cobrindo a sua. Gostou.

Muito ciente dos braços dele que a envolviam e espremiavam contra as superfícies planas e duras do corpo dele, ela devia ter protestado. Mas fez a vontade à sua curiosidade e aos seus desejos intensos,

que tinha mantido sob controlo durante tanto tempo. Não se lembrava da última vez em que tinha tido uma coisa que queria, em que tinha feito qualquer coisa para si própria.

Não havia dúvida de que agora estava a ceder.

Metendo os dedos no cabelo grosso dele, teve pena de estar de luvas. Sentindo o sabor intenso do brandy na língua dele, teve pena que não tivessem bebido mais. À medida que o prazer a percorria, teve pena de não ser livre.

Com esse pensamento, a culpa trespassou-a. Ela não lamentava não ser descomprometida. A liberdade tinha um preço terrível que ela ainda não estava preparada para pagar.

Afastou todos esses pensamentos e concentrou-se no momento presente. Era sempre melhor concentrar-se no presente. A passagem da língua determinada dele. A sua mão grande a acariciar-lhe as costas, o traseiro, subindo-lhe pela anca, contornando-lhe a cintura e descansando logo abaixo do seio. Ela sentia o movimento do polegar dele na parte de baixo. Devia ter ficado indignada. Devia tê-lo esbofetado.

Mas uma mulher não chegava a esta idade sem desejar coisas que lhe fugiam. Os beijos não lhe eram obviamente estranhos, mas este homem estava a fazer muito mais do que pressionar os seus lábios contra os dela. Estava a reivindicá-la, a marcá-la. Ela havia de se lembrar para sempre do seu sabor, da sua força, da sua fragrância. Sândalo e bergamota. Escuro e intenso.

Ela lembrar-se-ia de se ter posto em bicos de pés para receber a boca dele. O seu gemido profundo a ressoar no pequeno balcão. A vertigem. As sensações fortes a fazerem o mundo rodopiar à sua volta.

Ele afastou a boca da dela e percorreu-lhe o pescoço com os lábios abertos até ao ponto sensível logo abaixo da orelha.

— Não vamos conseguir chegar a minha casa — disse ele com voz rouca. — Há um quarto a apenas alguns passos daqui, neste corredor.

— Não.

Disse-o demasiado baixo. Ele não devia ter ouvido porque começou a morder-lhe o lóbulo da orelha. Ela quase desmaiou com a sensação de prazer absoluto. Ele podia possuí-la ali.

— Não — declarou ela mais firmemente.

Respirando com dificuldade, ele recuou, com os olhos escuros cravados nela.

— Tal como não precisa de acompanhante, também não tem nenhuma inocência a proteger.

— Não sou uma mulher sem moral. Não caio na cama de um homem só porque ele quer que eu o faça.

— É você que o quer fazer. Os seus gemidos e suspiros são prova disso mesmo.

— Infelizmente, a vida é de tal maneira que nem sempre nos são concedidos os nossos desejos. Há demasiado tempo que me ausentei da animação. Tenho de voltar lá para baixo para que os rumores não comecem.

Ele enroscou a mão à volta do pescoço dela e acariciou-lhe o queixo.

— Não me parece uma mulher que se importe com os rumores.

— Importo-me com as oportunidades que esta noite me oferece.

Não podia ter dito maior verdade.

— Estou aqui para conhecer pessoas, para me tornar parte da sociedade. Para ser aceite e bem-vinda. Seria irresponsável pôr em risco tudo o que posso ganhar por uma noite de prazer.

— Prometo-lhe que valerá a pena.

Disso, ela não tinha dúvida absolutamente nenhuma, mas o preço era demasiado elevado — para os seus planos e, possivelmente, para a sua estima. Que ele se afastasse depois... era sempre ela que se afastava e que decidia quando estava na hora de seguir em frente. Engolindo em seco, reprimiu a tentação que a atormentava.

— Boa noite, Vossa Senhoria.

Tinha dado apenas dois passos quando ele lhe envolveu o braço com a sua grande mão e a virou para ele, tomando-lhe de novo a boca. Era vigorosa e quente, imensamente competente a fazer-lhe esquecer as suas responsabilidades e deveres. Que mal faria se por uma vez na vida se ouvisse a si própria e aceitasse uma coisa que desejava tanto?

Arrancando a boca da dele, empurrou-lhe os ombros enormes, frustrada por nem sequer conseguir fazê-lo recuar um passo.

— Não.

Os olhos dele eram tão quentes como a sua boca.

— Provocou-me a noite toda, Sra. Sharpe. Não deve pensar que a vou deixar ir embora sem primeiro fazer todos os possíveis para a convencer a ficar.

Outro beijo talvez o conseguisse, maldito.

— Já passou muito tempo desde que estive com um homem. Não estou preparada para o que propõe.

Levantando a mão, passou os dedos pelo cabelo dele, endireitando as madeixas que lhe tinha desgrenhado.

— Por favor, deixe-me ir.

Devagar, agonizantemente devagar, ele soltou-a.

— Pelo menos permita-me a honra de a acompanhar a casa.

— Ambos sabemos que seria muito perigoso. Sozinhos, num espaço exíguo, às escuras. Não acredito que chegasse a casa incólume. Além disso, tenho uma carruagem. Por isso, mais uma vez, boa noite.

— Não vou desistir.

Ela mal se tinha virado quando as palavras dele a paralisaram.

— Vou tê-la — disse ele com a voz numa promessa sussurrada que lhe causou um estremecimento de presságio e um arrepio de prazer em todo o corpo. — Porque sei que o quer tanto quanto eu.

Ela quase negou as palavras, mas temeu que, se se alongasse, daria consigo outra vez nos braços dele, desta vez sem os meios para lhe negar, para negar aos dois, o que achava que podia ser uma noite gloriosa. Queria fugir, correr, mas manteve um passo lento e calculado ao sair do balcão, surpreendida por as suas pernas trémulas conseguirem transportá-la pelas escadas abaixo. Girando a maçaneta, abriu a porta e entrou no salão principal. Tinha planeado continuar com as voltas, para ser vista, talvez para conhecer mais algumas pessoas, mas ele tinha-a inquietado. Não estava habituada a ficar inquieta.

O mais calmamente possível, deslocou-se para a entrada, sempre consciente do olhar dele a segui-la durante todo o percurso. Tinha cometido um erro esta noite, uma má avaliação. Teria de ter mais cuidado no futuro. O Duque de Avendale tinha o poder de a destruir.

CAPÍTULO 2



Quando Rose entrou pela porta da frente da sua residência já tinha recuperado o autocontrole. O coração já não batia descompassadamente, ameaçando partir-lhe uma costela. Parte dela estava grata por ter conseguido escapar. Outra parte, que ela raramente permitia que se manifestasse, desejava ainda estar nas sombras do balcão capturada por um beijo.

Merrick arrastou-se para fora da sala de estar, com a testa profundamente franzida.

— Não a esperava em casa tão cedo.

Ela tirou o agasalho e entregou-lho.

— Vê o que consegues descobrir acerca do Duque de Avendale.

Tinha dado demasiado poder àquele homem. Para evitar que isso voltasse a acontecer, tinha de saber tudo o que pudesse sobre ele.

— Duque? É um pouco ousado, mesmo para si. Ele pode ter influência que chegue para a mandar enforcar quando se aperceber do que anda a tramar.

— A habilidade, então, estará em garantir que ele não se aperceba do que ando a tramar. Houve algum problema esta noite?

— Não.

Merrick franziu uma cara marcada por uma vida difícil.

— Ele parece feliz aqui. Agora está a dormir. Talvez pudéssemos ficar desta vez.

— Sabes que isso não é possível.

Dirigiu-se para as escadas, consciente de que Merrick ia atrás dela.

— Talvez pudéssemos arranjar uma alternativa.

Ela deu meia volta. Tinha julgado mal a proximidade dele e ele chocou contra ela. Agarrando-o pelos ombros, impediu-o de cair. Quando se reequilibrou, olhou para ela, e repetiu:

— Talvez pudéssemos.

— O que sugeres? O que podia eu fazer que nos desse os meios para vivermos com o luxo em que vivemos?

— Talvez não precisemos de tanto luxo.

— Mas o Harry tem de o ter. Devo-lhe isso.

— A menina não tem culpa da maneira como o seu pai o tratava.

Merrick não tinha visto tudo o que ela vira. Nem podia imaginar todas as ramificações das ações cruéis do pai dela.

— Lembra-te, Merrick, que estás aqui por bondade minha, não para me questionares. Agora diz à Sally que já regressei para ela vir ajudar-me a preparar para me deitar.

Continuou pelas escadas acima, recusando-se a sentir-se culpada pela vida que levava ou a pensar nas consequências que poderia acarretar. A vida estava cheia de escolhas. Ela tinha feito as suas. Era demasiado tarde para arrependimentos que não serviam senão para distrair.

Nos seus aposentos, tirou as luvas e atirou-as para cima do toucador, antes de ir até à janela e olhar para fora, para os jardins cobertos de neveiro. Não tinha feito tudo o que planeara para aquela noite. Esperava travar conhecimento com outras senhoras, que a convidassem para os seus bailes e jantares. Quanto mais fosse vista na alta sociedade, mais confiariam nela, mais pessoas haviam de querer ajudá-la. Mas o duque tinha-a distraído do seu propósito.

Depois dos beijos escaldantes que ele lhe tinha dado, não podia ficar no evento. Só quando já estava a meio caminho de casa é que conseguiu pensar em condições outra vez. Como podia conspirar quando a sua mente tinha sido tomada por um turbilhão de emoções? Claro, já tinha recebido beijos, mas nenhum que a possuísse e consumisse tão inteiramente. Até estava surpreendida que não se tivessem incendiado naquele balcão.

Quando ouviu a porta abrir-se, virou-se e sorriu.

— Sally.

— Divertiu-se esta noite? — perguntou a mulher de Merrick.

— O objetivo desta noite era trabalho, não divertimento.

Foi para o centro do quarto onde estava um pequeno banco e virou-se. Sally juntou-se a ela e começou a desabotoar-lhe os botões e laços.

— Parece-me que podia juntar as duas coisas.

— Podia acabar por me concentrar demais numa e perder a outra de vista.

— Não seria tão mau se fosse o trabalho que perdesse de vista. Quando foi a última vez que se permitiu um pouco de diversão?

Com o vestido solto, Rose tirou-o.

— Li um livro inteiro ontem à noite, antes de me deitar.

Franzindo o sobrolho e dando a volta para pegar no vestido, Sally replicou:

— Estou a falar em divertir-se com outras pessoas.

Rose sorriu.

— Divirto-me muito contigo.

— Agora está a desconversar.

— Estou sim, porque não quero discutir o assunto.

Depois de tirar o resto da roupa interior e de vestir a camisa de dormir, sentou-se no banco em frente do toucador. Se pudesse, teria uma casa sem espelhos, mas precisava de saber como estava antes de sair. A sua aparência era essencial ao jogo.

Mas aqui, dentro do seu quarto, não era tanto assim. Quando olhou para o seu reflexo, viu uma mulher que se aproximava dos trinta anos, uma mulher que nunca teria marido que a amasse nem filhos para adorar. Uma mulher que estava tão notavelmente só que inspirava dó. Desprezava estes momentos de fraqueza em que os seus sonhos perdidos ressurgiam, na esperança de serem encontrados.

Não tinha o direito de se queixar, quando outros sofriam muito mais do que ela.

— Parece triste — disse Sally, ao aproximar-se e começar a escovar o cabelo de Rose.

— Estou apenas cansada. Foi uma longa noite.

— O Merrick disse-me que quer saber de um tal duque.

— Dançámos.

O reflexo apanhou-lhe o sorriso. Parecia quase sonhador, como se fosse uma jovem cheia de esperança depois da sua primeira valsa.

— Era encantador.

Deliciosamente encantador. E tentador.

— Era bonito? — perguntou Sally.

— Conheces algum duque que não o seja? — perguntou Rose.

— Não conheço nenhum duque.

Rose riu-se levemente.

— Sim, era um belo homem. De cabelo escuro e olhos ainda mais escuros. Olhos sombrios. Não é um homem alegre.

— Sempre foi muito habilidosa a ler as pessoas.

Tinha de ser para fazer o que fazia. Tinha desenvolvido aquele talento desde pequena com o pai, não que aprender alguma coisa com ele fosse motivo de orgulho.

— Gostou dele? — perguntou Sally.

Teria gostado?

— Não o conheço o suficiente para saber se gostei ou não.

— Era uma pessoa agradável?

— Era intenso. Muito intenso. Não se dava com muitas pessoas, embora fosse óbvio que muitas o conheciam. Acho que estava lá com uma finalidade: para se entregar ao comportamento incorreto que se tornasse mais conveniente.

— E ele pensou em entregar-se a si.

Sally andava de um lado para o outro, soltando o cabelo entrançado de Rose sobre os ombros.

— Mas manteve-o à distância.

As palavras não eram uma pergunta, mas uma declaração, e Rose sabia que Sally ficaria dececionada se alguma coisa menos própria tivesse acontecido — como um beijo na sombra.

— Ceder à tentação não serviria o meu objetivo.

— Sentiu-se tentada?

Rose remexeu-se no banco, o que a pôs ao nível dos olhos de Sally.

— Não.

A mentira não deveria ter saído tão facilmente. Era ligeiramente desconcertante que tivesse saído. Se conseguia mentir tão facilmente à sua querida amiga, poderia mentir com a mesma facilidade a si própria?

— Obrigada, Sally. Até amanhã.

Levantou-se, foi para uma mesa de canto e serviu-se de um pouco de brandy, o seu ritual noturno.

— Está preocupada — disse Sally.

— Cansada, como disse há pouco.

Olhando por cima do ombro, sorriu.

— Estou bem. Boa noite.

Esperou até que Sally saísse, depois foi para a área de estar e enroscou-se no sofá. Inalou o aroma intoxicante. Bebendo um pouco, saboreou-o mais do que algum dia tinha feito. Trouxe-lhe a memória viva dele. Imaginou os lábios dele nos dela outra vez.

E tentou não se arrepender de não ter saído com ele.

Avendale entrou na sua residência e estacou quando um casal que ia na direção das escadas quase chocou com ele.

— Vossa Senhoria — disse o jovem abastado numa linguagem arrastada, com uma saudação desajeitada, antes de se esparramar no chão arrastando a mulher que tinha a seu lado.

Avendale achava que havia pouca coisa pior do que um homem que não conseguia aguentar a bebida.

Com uma risada deliciada, Afrodite desenhenciou-se do bêbedo e pôs-se de pé. Balançou-se até ele.

— Avendale, parece que perdi o meu parceiro. De toda a maneira, preferia ficar consigo.

O seu vestido transparente revelava todos os seus atributos e curvas. Com os olhos azuis a brilhar de desejo, passou uma mão lentamente pelo peito dele até ao ombro.

— Sou tua — disse ela numa voz quente.

Sim, porque ele pagava-lhe — não em dinheiro, mas com mais do que isso. Roupa, joias, prendas, perfumes.

— Esta noite, não, Afrodite.

O que ele desejava esta noite não lograra obter, o que só o fazia desejar Rosalind Sharpe ainda mais. Não se lembrava da última vez em que lhe tinha sido negado algo, da última vez em que os seus pensamentos tinham estado tão ocupados com uma mulher.

Sem culpa nem remorso, passou delicadamente por Afrodite — ela havia de encontrar um novo parceiro com facilidade — e percorreu o corredor para a sua biblioteca. Um criado — não só de serviço, mas também de guarda, já que ninguém, senão os criados, podia entrar nesta sala — abriu a porta. Avendale entrou. Quando a porta se fechou atrás dele, dirigiu-se a um armário de vidro que continha as bebidas alcoólicas. Ao lado dele estava uma mesa de mármore com

copos e decantadores. Depois de encher um copo com whisky, levou uma cadeira para junto da lareira e emborcou metade do conteúdo antes de suspirar e deixar cair a cabeça para trás.

Como é que a sua vida chegara a esta existência debochada? Havia sempre beldades de caráter questionável à mão. Jovens abastados continuamente a entrar e a sair em busca de mulheres, bebida ou cartas. Não sabia o nome de metade deles, mas todos sabiam que se celebravam orgias nos recantos da sua residência.

Tudo começou quando era muito mais novo, quando passava mais tempo perdido com mulheres e vinho. Mas, ultimamente, tinha começado a aborrecer-se disso. Raramente aceitava as ofertas das senhoras. Já não conseguia diferenciar umas das outras. Talvez nunca tivesse conseguido. Elas tinham sido um meio para dar vazão ao seu intenso desejo sexual. Tinham-lhe proporcionado alguns momentos de descanso de pensamentos sombrios — como a bebida fazia. Mas, parecia que ultimamente estava a depender mais da bebida para esse efeito.

Bebeu mais um pouco, forçando-se a saboreá-lo. Saboreava tão pouco. Mergulhava nos prazeres como se fossem a resposta.

Quando ele nem sequer sabia qual era a maldita pergunta.

Outro gole. Uma risada sombria. Teria mesmo pensado em trazer Rosalind Sharpe para ali? Para testemunhar a sua loucura, para ver a extensão da sua queda na depravação?

Poderia ter explicado a presença das visitas dizendo que esta noite era apenas uma festa...

Porque é que precisava de justificar a maneira como vivia? Não precisava. Nem perante ela, nem perante ninguém. Ele fazia o que queria, quando queria, como queria.

Levantou-se, dirigiu-se para a secretária e puxou a faixa da campainha que estava na parede por trás dela. Foi até à janela. Os candeeiros a gás iluminavam os jardins e as pessoas que por lá folgavam, alguns dançando nus na sua fonte. Houve uma altura em que se teria juntado a eles. Esta noite achava-os apenas cansativos.

A porta abriu-se.

— Quero que se vão todos embora — anunciou, antes de o seu mordomo ter dado meia dúzia de passos para dentro da sala.

Silêncio. Por fim:

— *Todos?*

— Toda aquela gente. As mulheres, os cavalheiros. Mande as mulheres falar com o meu contabilista se precisarem de ajuda para se instalarem noutro sítio.

— Sim, Vossa Senhoria. Mais alguma coisa?

Avendale continuou a olhar para os jardins.

— Mande substituir todos os colchões e almofadas. Substitua o que pode ser substituído, deite fora o que não pode. Quero ver-me livre de toda a mobília que tresanda a atividades sórdidas. Esta residência tem de ter o aspeto de nunca ter cá estado ninguém senão eu próprio, e que pareça que tenho vivido tão castamente como um monge.

— Vou tratar disso rapidamente.

— E assegure-se de que há um criado à mão que saiba servir uma senhora.

— Sim, senhor.

Avendale conseguia ouvir a pergunta no tom de Thatcher: estaria o duque prestes a casar?

— É tudo.

— Muito bem, senhor.

Depois de Thatcher sair, Avendale encostou-se à caixilharia da janela. Tencionava receber a Sra. Rosalind Sharpe na sua residência, num futuro muito próximo. Queria que ela se sentisse confortável e que tudo estivesse de acordo com os seus gostos, por isso os preparativos precisavam de começar de imediato.

Ela não seria uma conquista fácil, mas iria sem dúvida conquistá-la.

Deitada na cama, Rose olhava fixamente para o teto. Tinha tido um sono extremamente irregular, dormindo muito pouco, se é que tinha dormido de todo.

E a culpa de ela ter tido tanto calor ao ponto de pensar em tirar a camisa de dormir era daquele maldito Avendale. Mesmo sabendo que era impossível, poderia jurar que ainda sentia os lábios dele a moverem-se determinadamente sobre os dela. Não tinha mostrado qualquer hesitação em percorrer-lhe o corpo com as mãos. Era um homem que sabia exatamente o que queria. E queria-a a ela.

Ao longo dos anos, outros homens também a tinham querido. Tinha-se especializado em atraí-los, mas mantendo-os à distância.

Tinha dúvidas de que Avendale fosse assim tão fácil de manipular. Ele era perigoso e não era provável que se contentasse com as migalhas que estava disposta a dispensar-lhe.

Para seu bem, faria melhor em procurar outro benfeitor, mas Avendale fascinava-a. «Vou tê-la», tinha-lhe dito. Como não era provável que ela se conseguisse livrar dele com facilidade, mais valia aceitar o desafio de levar a melhor sobre ele. Podia ser divertido e incluir algumas benesses adicionais. Beijá-lo não era de todo desagradável. Desde que mantivesse o controlo da situação e dele, achava que podia ganhar tudo o que queria.

Um olhar rápido para o relógio que estava na cornija da lareira revelou-lhe que a manhã já ia a meio. Tentada a puxar os cobertores por cima da cabeça para ver se conseguia adormecer mais facilmente, resistiu, sabendo que Harry já estaria a tomar o pequeno-almoço. Devia ter ido vê-lo ontem à noite, mas tinha tido a ideia louca de que se ele acordasse, conseguiria olhar para ela e saber o que tinha andado a fazer com Avendale. Questionara-se até se ele conseguiria apanhar o cheiro do duque na sua pele.

A culpa conseguia, sem dúvida, torná-la irracional.

Saiu da cama e começou a preparar-se para o dia: lavou-se, escovou o cabelo e apanhou-o, prendendo-o com uma fita e optou por um vestido azul simples que não precisava de ajuda a vestir. Quando ficou satisfeita com a sua aparência, desceu para a sala do pequeno-almoço.

— Olá, meu querido — disse a Harry ao entrar. Ele era quatro anos mais novo do que ela, não que muitos o percebessem, já que a vida não lhe tinha sido particularmente fácil e as provações tinham deixado a sua marca. Baixando-se, ela depositou-lhe um beijo na cabeça. — Como estás esta manhã?

— Bem, — respondeu ele, com os olhos a brilhar de alegria ao dar-lhe o sorriso que nunca deixava de lhe aquecer o coração.

Estava sentado à cabeceira da pequena mesa quadrada. Sentando-se à sua frente, para ser mais fácil conversar com ele, levantou o bule e deitou chá na chávena. Havia alguns pratos cobertos em cima da mesa. Como eram só eles os dois todas as manhãs, as refeições eram pequenas e simples. Não havia aparadores carregados de itens variados. Não se podiam dar ao luxo de desperdiçar.

— Divertiste-te ontem à noite? — perguntou ele.

Ela deitou quatro cubos de açúcar no chá e mexeu.

— Muito. Embora tivesse tido imensas saudades tuas, já para não falar da nossa leitura. Estou ansiosa por descobrir onde as viagens de Gulliver o levarão a seguir.

A leitura que ela lhe fazia era o seu ritual noturno.

— Hoje não saio.

— Conta-me sobre o lugar que visitaste — instou ele.

— O edifício era incrível, as pessoas vestidas magnificamente. Vamos começar pela minha entrada pelas portas.

Evocando todos os pormenores memorizados, esboçou um retrato vibrante da noite, que esperava que se instalasse nele como uma recordação que ele nunca poderia adquirir por si próprio.

— Quem me dera poder vê-lo — murmurou ele, quando ela finalmente terminou.

— Quem me dera que sim, meu amor. Faça-te desenhos mais tarde, se quiseres.

Ele acenou de maneira quase impercetível, antes de voltar a sua atenção para a comida. Ela sabia que os desenhos eram um fraco remendo, mas não podia arriscar-se a que ele lhe arruinasse os planos. O futuro deles dependia desses planos.



«Lorraine Heath é mestre em enredos românticos, e este livro é um exemplo perfeito da sua habilidade em mergulhar na alma das suas personagens.»

Publishers Weekly

O plano de Rose é simples e já funcionou noutras ocasiões. Seduzir um homem abastado, envolvê-lo numa teia de mentiras, roubar-lhe uma quantia considerável de dinheiro e fugir.

Quando, numa festa, o duque de Avendale tenta seduzi-la, Rose encontra o seu alvo. Só que desta vez o seu plano de sedução toma um rumo inesperado. O duque é um homem atraente, fascinante, de personalidade forte e, pela primeira vez, Rose sente-se presa no seu próprio jogo de atração.

Mas Avendale não é nenhum tolo. Depois de descobrir que esta mulher encantadora está pronta para fugir de Londres, levando consigo o seu dinheiro, ele confronta-a com uma proposta escandalosa:

ela poderá ficar com todo o dinheiro roubado...

Se aceitar passar uma semana inteira na sua cama.

**BASTARÁ UMA SEMANA PARA ACENDER
A PAIXÃO E LIBERTÁ-LOS DO PASSADO?**

Leia também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8800-92-3



9 789898 800923

Ficção Romântica